



ESCOLA DE
HUMANIDADES

VERITAS (PORTO ALEGRE)

Revista de Filosofia da PUCRS

Veritas, Porto Alegre, v. 65, n. 1, p. 1-5, jan.-mar. 2020

e-ISSN: 1984-6746 | ISSN-L: 0042-3955

<http://dx.doi.org/10.15448/1984-6746.2020.1.37812>

SEÇÃO: APRESENTAÇÃO

Apresentação

Presentation

Agemir Bavaresco¹

orcid.org/0000-0002-7967-4109
abavaresco@puccrs.br

Evandro Pontel¹

orcid.org/0000-0002-9659-4231
epontel@hotmail.com

Nythamar de Oliveira¹

orcid.org/0000-0002-7967-4109
nythamar.oliveira@puccrs.br

Thadeu Weber¹

orcid.org/0000-0001-8826-7161
weberth@puccrs.br

Recebido em: 24 abr. 2020.

Aprovado em: 24 abr. 2020.

Publicado em: 12 mai. 2020.

O Dossiê intitulado *Teorias da Justiça* v. 65, n. 1 (2020), da Revista Veritas compreende nove artigos. A primeira contribuição, de autoria de Alysson Leandro Mascaro, intitulada *Canguilhem: saúde, doença e norma*, reflete acerca da relação entre vital e social no pensamento do filósofo francês, e envolve uma específica reestruturação filosófica, por ele empreendida em *O normal e patológico*, realizando um deslocamento teórico em face das análises quantitativas da saúde quanto, ao mesmo tempo, construindo uma problemática própria a respeito da normação. Esse aspecto faz com que o vital seja pensado, inexoravelmente, como a imbricação do biológico com o social, acarretando, ainda, um reposicionamento político, crítico, no que tange à consideração sobre saúde e doença.

No artigo seguinte, *Soberania e governamentalização do homo oeconomicus: entrecruzamentos críticos entre Ludwig Von Mises e Michel Foucault*, Castor Bartolomé Ruiz e William Costa abordam, como se deu o processo de inclusão da subjetividade na lógica dos cálculos econômicos possibilitou construir a figura do homo oeconomicus como referente antropológico do novo discurso neoliberal. Um dos principais autores nessa jornada é Ludwig von Mises. Assim, por meio de um cruzamento crítico entre o pensamento de Mises e de Foucault, concentrado principalmente no estudo das contradições que surgem no seio do discurso neoliberal da figura do *homo oeconomicus*, como sujeito soberano, a análise situa-se em explicitar as práticas de governamentalização desse mesmo homo oeconomicus e suas implicações no pensamento foucaultiano.

O terceiro artigo, *Opinião Provável sobre Guerra e Paz no Indiarum iure*, de Juán Solórzano Pereira, de autoria de Gonzalo Tinajeros Arce, visa compreender o movimento processual das deliberações jurídico-políticas sobre "guerra e paz" no pensamento de Juan de Solorzano Pereira (1575-1655). Pensador escolástico do período barroco iberoamericano que residiu por mais de duas décadas nas Índias ocidentais (Vicereinado do Perú e na



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

¹ Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.

Audiência de Charcas, hoje Bolívia), que elaborou o De Indiarum iure. Na Filosofia do Direito Indiano de Solórzano Pereira, a opinião provável sobre fatos e direitos não se restringe aos atos perfeitos e absolutos que se acreditam ter em opiniões mais prováveis do passado e do presente, porque a probabilidade nesta filosofia do direito está aberta ao futuro condicional, onde novas opiniões podem produzir dúvidas nos fatos e no direito, podendo se tornar em opiniões mais coerentes, seguras e mais prováveis que as anteriores, pela aceitabilidade racional sobre o direito em questão.

Em "*Reflexão transcendental sobre o homem*" e "*Filosofia Crítica*" (I), José Edmar Lima Filho apresenta o debate a respeito da importância das discussões sobre a "antropologia" em Kant (1724-1804), na medida em que compreendo que a relação dessa com outras regiões do pensamento kantiano pode produzir uma interpretação mais próxima entre a filosofia de Kant e a realidade concreta. Nessa perspectiva, o autor sugere a possibilidade de se pensar a Filosofia Crítica sustentada por uma "teoria da subjetividade" que se aproxima de uma "reflexão transcendental sobre o homem", a qual permitiria certa sistematicidade orgânica à filosofia kantiana. Ademais, posiciona os temas do conceito kantiano de filosofia e da constituição do problema do "transcendental" como elementos que auxiliam esta compreensão.

O artigo *Vaza-Jato, a modernidade, a correlação de direito e política: o direito ainda como médium entre sistema e mundo da vida?*, de Leno Francisco Danner, propõe uma análise acerca "Operação Vaza-Jato" que tem mostrado que a "Operação Lava-Jato" rompeu com o pressuposto fundamental, garantidor e fiador do Estado democrático de direito, ao fragilizar e até eliminar essa base metodológico-axiológica institucionalista. Com isso, correlacionou-se política e moral com e como direito, direito com e como política e moral, abrindo espaço para a colonização do direito pela política e pela moral e, principalmente, viabilizando que a política, agora aberta e descaradamente assumindo perspectivas essencialistas e naturalizadas como fundamento público-político dessas instituições,

desses sujeitos institucionalizados e da vida social, instrumentalizasse o direito com fins políticos.

Luis Rosenfield, no sexto artigo, *Sobre idealistas e realistas: o estado novo e o constitucionalismo autoritário brasileiro*, explicita o processo de decadência da democracia liberal e ascensão do autoritarismo no Brasil entre 1930 e 1945. Através da história intelectual, o objetivo de análise reside em compreender de que forma se consolida o constitucionalismo autoritário brasileiro no Estado Novo. O foco da investigação está centrado na consagração do autoritarismo declarado da Era Vargas e de seu impacto sobre a Teoria Constitucional e a História Constitucional. A chave-de-leitura do trabalho é a contraposição conceitual entre idealistas constitucionais e realistas autoritários.

A reflexão seguinte, *Por uma filosofia da migração*, de Mauro Cardoso Simões, visa debater um dos temas urgentes dos tempos presentes, tomando como pressuposto que a filosofia pode auxiliar na compreensão do que se passa na atualidade. Mais do que fornecer ferramentas para a solução de problemas políticos específicos, pragmáticos, a análise pretende reconstruir as teorias que justificaram – e ainda justificam – um tratamento desigual entre cidadão e estrangeiro, entre o autóctone e o residente. Teorias da soberania, do Estado e da cidadania terão lugar especial para, em seguida, na segunda parte, propôr que estas não são mais suficientes para dar conta do tema em questão. O soberanismo e a cidadania precisam ceder lugar para o tema da acolhida e da comunidade, horizontes que possibilitam como se pode encarar a demanda de coabitação com o estrangeiro, com o migrante, com o estrangeiro-residente.

O oitavo artigo, *Second Scholasticism and Black Slavery*, de autoria de Roberto Hofmeister Pich, reflete e explora sistematicamente o tratamento normativo da escravidão negra por pensadores da Segunda Escolástica. Essa temática se situa dentro da discussão ampla da consciência moral e, mais em específico, da natureza e da justiça do comércio e dos contratos, eu proponho duas estações de pesquisa que podem ser de ajuda

para estudos futuros, em especial no que diz respeito ao estudo de ideias escolásticas na América Latina colonial. Ao analisar os títulos justos em favor da escravidão e do comércio de escravos propostos por Luis de Molina S. J. (1535–1600), a exposição evidencia como os seus relatos foram recebidos criticamente por Diego de Avendaño S. J. (1594–1688), revelando traços básicos do pensamento normativo da Segunda Escolástica na Europa e nas Américas.

Em *O problema da fundamentação da moral e a ética feminista*, Viviane Magalhães Pereira, tematiza o problema filosófico da fundamentação da moral com o objetivo de apresentar o sentido e a validade de uma ética feminista. Com esse intento, a hipótese posta compreende que uma ética feminista se distinguiria das éticas antigas e apresentaria uma alternativa adequada ao problema da fundamentação da moral bem como dos conflitos morais atuais. Desse modo, a reflexão possibilita entender como um conteúdo da moralidade surgido de elementos históricos, temporais, culturais pode ser construído; neste caso ligados às condições das mulheres surgidas no meio social, pode ser sinônimo de uma nova concepção de ética, capaz de orientar a solução para conflitos morais atuais, a ética feminista do cuidado de Carol Gilligan.

A *Seção Varia* é composta por oito artigos. O primeiro artigo, *O problema da relação todo-partes na lógica da essência de Hegel*, de Federico Orsini, apresenta a relação todo-partes no contexto da Doutrina da Essência (1813) de Hegel. Depois de ter indicado sucintamente a variedade de contextos em que essa relação ainda está debatida hoje em dia, tanto fora como dentro da interpretação da filosofia hegeliana, o autor propõe-se analisar o contexto específico da primeira subdivisão (A.) do terceiro capítulo ("A relação essencial") da segunda seção ("O aparecimento") da obra referida, analisando o argumento do texto e contextualizando o significado da Observação anexa. A pertinência da exposição reside em promover uma compreensão precisa de um par conceitual usado muitas vezes como um passe-partout hermenêutico para defender ou combater a filosofia de Hegel com base na suposta defesa

hegeliana da primazia do todo sobre as partes. A tese (negativa) da lógica da essência é que tanto a primazia das partes sobre o todo como a primazia do todo sobre as partes são posições insustentáveis.

Inácio Helfer e Polyana Tidre, em *A concepção filosófica da história em ato e suas categorias fundamentais*, elaboram uma breve reconstrução da concepção filosófica da história em Hegel a fim de apresentar os aspectos determinantes através dos quais, para o filósofo, a história se exibiria ao pensamento, bem como expor seu entendimento da história em ato. Para além das categorias "passado", "presente" e "futuro", Hegel, à maneira dos Iluministas e de sua aproximação entre história e progresso ou perfectibilidade, oferece um entendimento da história como "progresso na consciência da liberdade". A análise propicia uma leitura que se contrapunha a uma interpretação determinista da concepção hegeliana da história. Ademais, sustentam que, se Hegel apoia uma filosofia da história e social na qual a liberdade exerce um papel fundamental, ele está, porém, interessado em combater uma noção demasiado negativa ou subjetivista da liberdade, a partir da qual o outro é visto como limitador ou mesmo oposto à mesma.

Em *Utopias Autárquicas - Autonomia irracional da natureza*, Nelson Costa Fossatti, propõe-se pensar as contingências decorrentes das máquinas autônomas da natureza no universo das utopias concretas. Nesse sentido, indaga: como artefatos podem ganhar autonomia diante da irracionalidade da matéria? Ernst Bloch situa tais utopias no terceiro nível da categoria, um ainda-não-ser, que na sua ontologia responde a "possibilidade conforme estrutura do objeto real". Contingências e imprevisibilidades advindas neste nível determinam a dimensão autônoma das utopias técnicas. A evolução do processo dinâmico e complexo da matéria - natureza naturata (potencialidade- possibilidade passiva) que se acha velada, uma vez desperta assume a dimensão de natureza naturans (potência-possibilidade-ativa). A natureza que produz natureza, revela que a ação do homem

sobre a matéria transforma sonhos utópicos acordados em pesadelos distópicos acordados, determinando uma diversidade de utopias autárquicas que ameaçam a humanidade. Esse contexto recepciona o alvorecer de novas utopias técnicas, que aponta uma não-conformidade na geração das máquinas autárquicas bem como, a ausência de uma linguagem ética entre homo utopicus e natura naturans.

O quarto artigo, *A questão fundamental da crítica de Tugendhat a Heidegger: falsidade, descerramento e a transição semântica de 'verdade'*, assinado por Paulo Mendes Taddei, reconstrói as objeções de Daniel Dahlstrom (2001) e Rufus Duits (2007) à crítica de Tugendhat (1970) à tese heideggeriana de que o conceito primordial de verdade consiste na noção de desvelamento (Unverborgenheit). De diferentes modos, ambos os autores mantêm que Heidegger, ao contrário das acusações de Tugendhat, seria capaz de dar conta da falsidade. Com isso, o objetivo dessa discussão, a questão fundamental da crítica de Tugendhat, mais que uma explicação para a falsidade, se situa mais na exigência de uma justificação para a transição semântica de 'verdade'. Por fim, indica a consonância dessa interpretação com a concessão de Heidegger em *Das Ende der Philosophie und die Aufgabe des Denkens*, reposicionando criticamente algumas questões pertinentes.

A reflexão de Regina Schöpke, intitulada *Instante ou duração? Problematizando e dissolvendo o paradoxo do tempo a partir da querela entre Bachelard e Bergson*, trata da querela que se estabeleceu entre estes dois pensadores acerca do tempo (somado a algumas outras contribuições). Nessa direção, a autora mostra como é possível dissolver o paradoxo do tempo a partir do aprofundamento de sua relação com a matéria. Relação esta que sempre foi feita na história da filosofia, e mesmo na ciência (em função de se associar o tempo ao movimento das coisas), mas nunca por se levar em conta que o enigma do tempo (afinal, tal como Agostinho, sabemos e não sabemos o que é o tempo) depende também da decifração do

que é a própria matéria, algo visto como sendo de menor valor em uma metafísica dualista que predomina subterraneamente o pensamento.

No sexto ensaio, *Linguagens da morte: revisitando a linguagem totalitária com Arendt e Klemperer*, Ricardo Timm de Souza analisa criticamente, a partir de abordagens das obras Eichmann em Jerusalém – um relato sobre a banalidade do mal, de Hannah Arendt e de LTI – A linguagem do terceiro Reich, de Victor Klemperer, uma leitura crítica acerca de algumas características da linguagem nazista de relevância para a compreensão da contemporaneidade, especialmente no que tange à confecção dos chamados discursos de "pós-verdade".

Em seguida, Rosalvo Schütz, em *Transcender sem transcendência: elementos para uma reabilitação materialista da religião*, busca compreender como Ernst Bloch articula as concepções de materialismo e religião. A partir de uma concepção blochiana de materialismo que concebe a capacidade de transcender sem a necessidade de recorrer a um ente transcendente, enquanto recusa radical de qualquer forma de idolatria, por um lado e, por outro, como indicara Feuerbach, que as religiões, por serem carregadas de conteúdo utópico, seriam um locus privilegiado de pré-anúncio do inédito, seria necessário trazer esses conteúdos para o âmbito da práxis social mediante uma hermenêutica da esperança. Nessa direção, se a posição materialista contribui para trazer os conteúdos religiosos de volta para a imanência, a religião, por sua vez, contribui para libertar o materialismo de seus enrijecimentos, acrescentando-lhes conteúdos e sentidos humanos e messiânicos. Assim, ao situar a religião num horizonte materialista, Bloch contribui, simultaneamente, para evitar que se degrade em ideologia e para que o materialismo não se petrifique em dogmas.

O último artigo da seção, de autoria de Tales Tomaz, *Crítica da tecnologia como metafísica: reflexão sobre a narrativa pós-natureza do antropoceno*, tematiza uma crítica da tecnologia conforme abordada na narrativa pós-natureza do antropoceno. Para essa narrativa,

também chamada de pós-ambientalismo, o antropoceno é o momento histórico em que fica clara a impossibilidade de uma noção idealizada da natureza, distinta da intervenção humana. Assim, argumenta-se que, embora tenha méritos no questionamento de aspectos cruciais do pensamento moderno, essa narrativa tem também problemas teórico-conceituais significativos derivados da centralidade atribuída à mediação técnica, que acaba convertendo-a numa espécie de metafísica.

Esse número contempla ainda uma entrevista, duas resenhas e uma tradução. A entrevista deu-se em decorrência do *IV Colóquio Internacional de Bioética*, ocorrido na PUCRS, RS, em 2019, especificamente a partir da conferência proferida pelo Rabino Dr. Fishel Szljajen, *Inteligência Artificial y Transhumanismo: falacias del humano exacerbado y desfondado en la tecnologia*. Na sequência, de autoria de Ana Suelen Tossige Gomes e de Andityas Soares de Moura Costa Matos, conta com a resenha da obra de Giorgio Agamben, *Entre dois paraísos: a nova arqueologia filosófica de Giorgio Agamben*, que apresenta o mais novo livro de Giorgio Agamben – *Il regno e il giardino* – publicado recentemente, demonstrando uma vez mais como o poder ocidental pode ser lido, arqueologicamente, a partir de paradigmas teológico-políticos. A resenha que segue, elaborada por Paulo J. Krischke, da obra *The First Phone Call from Heaven - a novel*, de Mitchell David Albom, descreve a reflexão do escritor premiado, jornalista, roteirista, dramaturgo, radialista e músico dos Estados Unidos. Finalmente, cumpre registrar a tradução do texto *O futuro da filosofia*, que proporciona à leitura de um texto que foi objeto de uma conferência proferida por Eric Weil à Association régionale des professeurs de philosophie, da cidade de Nice, em dezembro de 1974. Nele, conforme destaca o autor, evidencia-se à retomada de alguns dos temas fundamentais com os quais ele se ocupou sobretudo a partir da publicação da *Lógica da filosofia*, sua obra máxima, em 1950.

Por fim, em nome da equipe editorial, agradecemos pela disponibilidade e pela

dedicação das autoras e dos autores no decorrer de todo o processo editorial, bem como a atenção e a ímpar contribuição dos membros do corpo de avaliadores do periódico.

Boas leituras!

Agemir Bavaresco

Doutor em Filosofia pela Université Paris I (Pantheon-Sorbonne - 1997). Atualmente é professor do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Pesquisa nas áreas de Filosofia Política, Ética, Filosofia Moderna, Teorias da Justiça e Filosofia do Direito.

Evandro Pontel

Doutor e pós-dotourando em Filosofia – Escola de Humanidades – PUCRS.

Nythamar de Oliveira

Doutor em Filosofia (Ph.D. 1994) pela State University of New York em Stony Brook. Atualmente é professor titular da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

Thadeu Weber

Doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1992). Atualmente é professor titular da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, nos programas de pós-graduação em Filosofia e Direito e na graduação em Filosofia.

Endereço Postal

Escola de Humanidades – PUCRS

Avenida Ipiranga 6.681 – Prédio 8 – 4º andar. Partenon, Porto Alegre - RS, CEP: 90619-900.